

EU TE CHAMEI PELO TEU NOME TU ÉS MEU

ISAÍAS 43, 1

| | | | |
|---------|---------|-----------|----------|
| Barbara | João | Tiago | Maria |
| Miguel | Leonor | Tomás | Matilde |
| Isabel | João | João | Madalena |
| Manel | Beatriz | Afonso | João |
| Mariana | Vasco | Constança | Mariana |
| Pedro | Teresa | Memy | Manel |
| Mateus | Filipa | David | Leonor |
| Luísa | Luísa | João | Pilar |

VERBUM DEI LISBOA
CADERNO DE ORAÇÃO VERÃO'21

Equipa do Caderno de Oração
da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa:

Andreia Alexandre
António Azevedo
Cristina Mesquita
Filipa Ramalhete
Francisco Valles
Joana Galvão Teles
João Ricardo Moreira
Manuela Cerejeira
Marta Valles
Pilar Bazo (Missionária VDei)
Paula Mourão
Paulo Porto
Paulo Vieira
Sofia Palminha
Pe. Valter Malaquias
Ventura Adrover (Missionária VDei)

Colaboração de:

Rocío Mariscal (Missionária VDei)

Comentários e sugestões para:
cadernodeoracaovd@gmail.com

“Eu te chamei pelo teu nome. Tu és Meu”

| | |
|----|---|
| 4 | INTRODUÇÃO |
| | PARTE I Domingos de Verão |
| 8 | 4 Julho - Domingo XIV do T.C. |
| 14 | 11 Julho - Domingo XV do T.C. |
| 18 | 18 Julho - Domingo XVI do T.C. |
| 22 | 25 Julho - Domingo XVII do T.C. |
| 28 | 1 Agosto - Domingo XVIII do T.C. |
| 32 | 8 Agosto - Domingo XIX do T.C. |
| 36 | 15 Agosto - Assunção da Virgem Santa Maria |
| 42 | 22 Agosto - Domingo XXI do T.C. |
| 47 | 29 Agosto - Domingo XXII do T.C. |
| | PARTE II |
| 56 | Introdução |
| 57 | A missão da Verbum Dei nos Estados Unidos |
| 60 | Jornada Mundial da Juventude - Lisboa 2023 |
| 65 | Homilia Cardeal Tolentino Mendonça - Fátima, 13 de Maio de 2021 |
| 68 | Recomendações para as férias |

Chamei-te pelo teu nome

Ao começar o ano 2020-21, a Família Missionária Verbum Dei, escolheu um lema para orientar a caminhada de fé num momento difícil, marcado pela pandemia. Tivemos a ousadia de pegar no profeta Isaías que, no capítulo 43 do seu livro, nos diz “*Não temas...*”. Isto quando ainda não tínhamos bem ideia do que enfrentávamos.

Pouco a pouco, fomos tomando consciência de que não era fácil não temer. Tínhamos medo, não queríamos contagiar, não queríamos ser contagiados... Se o COVID me “agarrar”, que sintomas vou ter? E os meus pais e avós, são mais vulneráveis ou não? Perderei o trabalho? Conseguirei ser eficiente no teletrabalho? E... como serão as aulas? Onde poderei ir, com quem poderei encontrar-me, por quanto tempo vou conseguir estar fechado? Perderei a capacidade de relação, de sair ao encontro do outro? É terrível não poder ir ter com amigos, não tomar um cafezinho, não assistir às celebrações de aniversários, e também não ir à igreja, nem reunir os grupos de jovens, e não podermos organizar férias, não é possível viajar e já tinha uma viagem agendada... E como, e até quando, vai continuar isto?

Quantos e quantos temores, quantos medos, quantas incertezas!!!

O profeta Isaías continua, neste capítulo 43: “*Eu te resgatei*”. E tem sido verdade!!! Temos assistido a muitos gestos de resgate, através de telefonemas, de nos fazermos presentes ajudando - distribuímos máscaras, levámos compras e comida às portas dos que necessitavam. Temos aprendido a usar tantas ferramentas digitais para podermos reunir-nos, até jantamos juntos de um lado e do outro do ecrã, os aniversários festejaram-se como nunca tinham sido festejados. Temo-nos reinventado, temos notado o quanto precisamos uns dos outros, temos acompanhado doentes,

multiplicaram-se os voluntários, as ajudas e partilhas, a criatividade - imagino o que nunca poderia ter imaginado -, a resiliência fez-se forte e suportou-nos.

Mas, continuando Isaías 43, o profeta põe na boca de Deus as palavras "*Chamei-te pelo teu nome*". Neste momento, aprofundamos este pedacinho do lema, que tem tudo a ver com o percurso que levámos, e que nos fez estar como estamos. Hoje, olhando para o mundo, o Senhor continua chamando, faz um chamamento muito pessoal. Será que é para ti? Será que pronuncia o teu nome para te dar uma missão?

“DEUS PRECISA DE TI, PORQUE O MUNDO PRECISA DE DEUS”

Olha em teu redor, para tantas e tantas vozes que gritam, tantas e tantas mãos estendidas, tantos corações transbordantes de sentimentos, tantos olhares que suplicam em necessidade, tantas cabecinhas desarrumadas e andares cansados, e tanta fé e esperança confinada.

Dá um passo em frente. Senhor, “Tu chamaste-me pelo meu nome” e eu quero responder “Aqui estou, Senhor, conta comigo”.



parte I **Domingos de Verão**

Deus capacita os escolhidos

Ez 2,2-5 «Eles têm a cabeça dura e o coração

obstinado; envio-te a eles, e deves dizer-lhes:

Sl 122 (123) “Assim fala o Senhor Deus”. E quer te
escutem quer não, porque são uma raça de
gente rebelde, saberão que há um profeta
entre eles.»(Ez 2, 2-5)

2 Cor 12,7-10

Mc 6,1-6

«Tem piedade de nós, Senhor, tem piedade de
nós,

porque estamos saturados de desprezo.

A nossa alma está saturada da troça dos arrogantes,
e do desprezo dos orgulhosos» (Sl 123, 3-4)

«E partiu dali. Foi para a sua terra, e os discípulos seguiam-no. Chegado o sábado, começou a ensinar na sinagoga. Os numerosos ouvintes enchiam-se de espanto e diziam “De onde é que isto lhe vem e que sabedoria é esta que lhe foi dada? Como se operam tão grandes milagres por suas mãos? Não é Ele o carpinteiro, o filho de Maria e irmão de Tiago, de José, de Judas e de Simão? E as suas irmãs não estão entre nós?” E isto parecia-lhes escandaloso. Jesus disse-lhes: “Um profeta só é desprezado na sua pátria, entre os seus parentes e em sua casa.” E não pode fazer ali milagre algum. Apenas curou alguns enfermos, impondo-lhes as mãos. Estava admirado com a falta de fé daquela gente.» (Mc 6, 1-6)



As leituras de hoje são duras. Falam das dificuldades que tantas vezes surgem no nosso caminho. Não apenas daquelas que resultam das nossas dúvidas, das nossas fraquezas, mas também das que os outros nos colocam, quando queremos fazer o que Jesus nos pede: que sejamos Seus apóstolos. Se a nossa fé é viva, dois mil anos depois de Jesus ter vindo ao mundo, é porque, antes de nós, muitos foram verdadeiros apóstolos de Cristo, amaram como Ele amou e, por palavras e atos, continuaram a espalhar a Sua mensagem. E todos eles, de certeza, enfrentaram dificuldades. Interiores, mas também exteriores. Alguns pagaram até com a própria vida o preço de apenas quererem levar aos outros uma mensagem de paz e amor.

Hoje, sobretudo aqui, neste canto da Europa, damos esta herança como adquirida. Nem sempre nos lembramos de agradecer a graça de termos fé, de termos em Jesus um guia para a nossa vida. E, com muita frequência, temos a tentação de achar que continuar a fazer chegar ao mundo esta mensagem não depende de todos nós, cristãos, batizados e enviados por Deus na nossa missão, mas de outros, mais importantes do que nós, ou com mais responsabilidades dentro da Igreja.

Contudo, Deus chama-nos, todos os dias, a ser seus discípulos. Não nos chama apenas para que permaneçamos n'Ele e com Ele, aconchegados no Seu colo, a ouvir o que outros nos dizem, mas para sairmos de nós e sermos, cada um à sua maneira, na sua família, no seu trabalho, nas suas circunstâncias, os homens e mulheres que hoje, em 2021, vivem a fé de Jesus e a levam aos outros.

Mas quando pensamos em ser discípulos, hoje, há perguntas que muitas vezes nos surgem. A primeira é inquietante: qual é a nossa missão? Há um propósito único e claro na minha vida? Mais do que

procurar UM único rumo, a nossa missão, antes de tudo, é dar testemunho de que Jesus nos transforma. Quando conseguimos olhar o mundo e os outros com simpatia, quando conseguimos perdoar, quando mostramos confiança, esperança e alegria, nesses momentos o mundo também se transforma, travamos o que de mal acontece – e mostramos aos outros que o bem é possível. E isso é algo que podemos fazer onde quer que estejamos - com a nossa família, os colegas de trabalho, até com os desconhecidos nas redes sociais. Depende de cada um saber como pode por os seus dons ao serviço da sua missão, à medida que esta se vai concretizando e revelando. Provavelmente, a maior parte de nós não vai ter um momento de revelação divina, em que dizemos “é isto!”. Aquilo que temos são escolhas que podemos fazer, a cada momento (ralho ou calo e guardo no coração, como fez Maria? Ataco ou perdoar? Critico ou elogio?). E quanto mais claro for para nós que as escolhas seriam as que Jesus gostaria que nós fizéssemos, melhor cumprimos a nossa missão de testemunhas de Jesus neste mundo.

Outra questão que fazemos muitas vezes é a seguinte: como ser discípulo hoje? Talvez pensemos que o caminho a seguir era mais evidente para os primeiros discípulos. Ou que é preciso sair da nossa vida, ir para longe, já que é tão difícil ser profeta na nossa terra. Na verdade, não vale a penas enganarmo-nos, nem sempre será fácil. Pode ser frustrante e parecer inútil. Mas, pensemos: e se, ao longo dos séculos, os profetas, os discípulos escolhidos por Jesus, e todos os outros, tivessem pensado assim? Decerto desanimaram, recuaram, desistiram por vezes... Mas, em tempos tão difíceis como os nossos, continuaram. E nós podemos fazê-lo, temos de escolher os meios e os momentos adequados à nossa vida, mas temos de continuar a acreditar que lutar por um mundo mais justo e mais fraterno nunca passa de moda, continua a valer a pena – talvez seja mesmo aquilo que vale realmente a pena.

Por fim, há uma dúvida que nos assalta sempre: serei capaz? Eu sou uma “pessoa normal”, dizemos. Não sou santo, a minha fé é tão frágil... Ouvei há tempos uma frase que me marcou muito: “Deus não escolhe os capacitados, capacita os escolhidos”. De facto, quando lemos sobre as vidas dos santos e beatos da igreja, muitas vezes vemos que elas foram também repletas de dúvidas e inquietações. No entanto, eles foram capazes de persistir na fé e na oração e fizeram coisas extraordinárias!

O Papa Francisco tem santificado e beatificado recentemente algumas pessoas “comuns”, mas cuja vida é um exemplo de fé, de esperança e de caridade. Talvez o faça por isso mesmo, para que todos nós possamos inspirar-nos no seu exemplo e acreditar que somos chamados a ser melhores, a chegar mais alto.

A nossa fé tem de ir mais longe! Peçamos a Deus que nos ajude a ver com clareza o caminho e a fazer as escolhas certas, para nós e para os outros.

Vida do jovem beato Carlo Acutis

"A santidade da porta ao lado" tantas vezes evocada pelo Papa, à qual todos podem aspirar. Assim como na Exortação Apostólica pós-sinodal "Christus vivit", Francisco convida os jovens a seguirem pelo caminho da santidade, a exemplo do que fez o jovem Carlo Acutis.

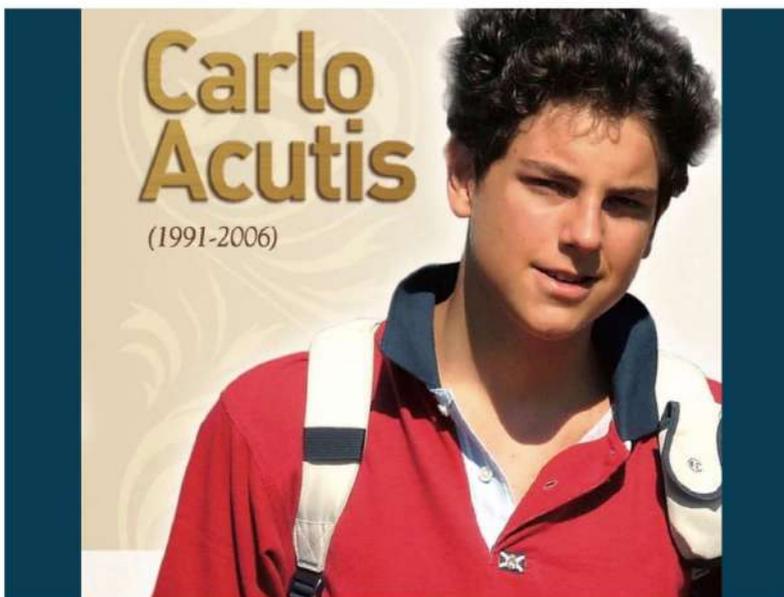
Nascido em Londres em 1991 e tendo vivido em Milão, Carlo faleceu em 2006 em Monza de uma leucemia fulminante. Foi declarado Venerável no verão de 2018. (...) "Tinha uma grande abertura aos outros, sobretudo aos mais necessitados, sem nenhuma distinção de raça ou religião", afirma o postulador de sua Causa de Beatificação, o jornalista do L'Osservatore Romano Nicola Gori. Carlo foi sempre um jovem normal, com hábitos semelhantes aos seus pares, amava estudar, jogar futebol e estar com os outros. "Porém - ressalta Gori - descobriu um grande amigo, Jesus. E esse precioso tesouro queria compartilhá-lo com todos, tornando-se assim um apóstolo. Como? Por meio do que mais gostava: tecnologia da informação". Em virtude disso, realizou uma exposição sobre os milagres eucarísticos, para compartilhar com todos a alegria de um encontro concreto com Jesus. (...)

Os pilares de sua espiritualidade eram Nossa Senhora e a Eucaristia, que encontrava todos os dias no altar e também na busca pelos pobres. Em casa, pedia para colocar a sobra de comida em recipientes, para então levá-la aos desabrigados locais. "À noite - conta Gori - ele costumava ir com os pais pelas ruas de Milão, para distribuir cobertores e refeições quentes aos desabrigados". Dava a justa medida ao dinheiro e se zangava quando queriam comprar-lhe um segundo par de sapatos. Além disso - acrescenta o postulador - "ele tinha o hábito de juntar as ajudas semanais que lhe eram dadas pela família, para entregá-las aos necessitados da Obra de São Francisco em Milão".

Entre as tantas histórias, há também aquela sobre os porteiros de alguns imóveis próximos a sua escola. "Quando ele saía de bicicleta de manhã – conta Gori - ele parava para conversar com essas pessoas, sobretudo imigrantes pertencentes a outras religiões".

E depois tem a história sobre o batismo do empregado de Carlo, vindo das Ilhas Maurício, e no centro do processo de beatificação. "O homem - especifica o postulador - declarou que foi convertido por Carlo, a partir do testemunho e da coerência de vida deste jovem, mais do que de palavras".

(Eugenio Bonata e Nicola Nori – Cidade do Vaticano
<https://www.vaticannews.va>
)



Somos escolhidos!

- Am 7,12-15 «(...) Era simples pastor e cultivava as figueiras. O Senhor é que me tirou da guarda do rebanho, foi Ele que me disse: Vai, que hás-de ser profeta do Meu povo de Israel.»
- Sl 84 (85)
- Ef 1,3-10 (Am 7)
- Mc 6,7-13 «Mostrai-nos o Vosso amor,
Dai-nos a Vossa salvação (...)
Deus anuncia a paz (...)

O Senhor dará o que é bom,
E dará fruto a nossa terra.» (Sal 84)

«Bendito seja Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo que, nos Céus, nos encheu de toda a espécie de bênçãos espirituais em Cristo. Foi assim que, n' Ele, nos escolheu, antes da criação do mundo, para sermos, na caridade, santos e irrepreensíveis na Sua presença. (...) De acordo com a riqueza da Sua graça, que Ele nos concedeu com abundância, nós estamos cheios de sabedoria e inteligência.» (Ef 1)

«(...) Jesus chamou a Si os doze Apóstolos e começou a mandá-los em missão dois a dois. Deu-lhes poder sobre os espíritos impuros e ordenou-lhes que não levassem nada para o caminho, a não ser somente um cajado: nem pão, nem saco, nem moedas na cinta; mas que fosse calçados com sandálias. E acrescentou: “Não leveis duas túnicas” (...) Os Apóstolos partiram e pregaram que era preciso cada um arrepender-se. Expulsavam muitos demónios, ungiam com óleo numerosos doentes e curavam-nos.» (Mc 6)



o rezar estas leituras, experimento que Deus me escolheu e escolheu cada um de nós que está a ler estas pistas. Somos escolhidos, somos chamados por Deus!

É no meio da nossa vida quotidiana, nas rotinas simples e habituais, que Deus vem ter connosco: *“Era simples pastor e cultivava as figueiras. O Senhor é que me tirou da guarda do rebanho, foi Ele que me disse: Vai, que hás de ser profeta do Meu povo de Israel”*. Para quê? Para sermos profetas. Deus convida-nos a irmos mais além, a termos uma presença transcendente, muito maior do que aquela que podemos imaginar!

Este envio da parte de Deus pode concretizar-se de várias formas, dependendo do tipo de chamada que experimentamos: seja viver a nossa missão naquilo que nos é confiado (a nossa família, o trabalho, a comunidade, alguma interpelação particular), seja vivendo amando até ao fim e estando atentos aos sinais de Deus.

Para chegar à dimensão macro (do sonho, da missão), há que apostar a vida na dimensão micro. Pois o amar não pode ser etéreo – pede gestos concretos. E isso Jesus ensina-nos com a sua própria vida...

Por isso é importante que nos questionemos: isto que sonho/digo acreditar, vivo-o? É fundamental viver o pequeno, seguros e certos da sua transcendência.

Estou a ser enviada por Deus quando acompanho o crescimento dos meus filhos, quando vou às compras, na pessoa que vem ter comigo no meu trabalho, no telefonema que faço, na solicitação que surge, no imprevisto, na tarefa mais rotineira... E tudo isso posso vivê-lo de forma diferente do habitual: sabendo que estou a viver a minha missão, e sempre bem acompanhada. E isso dá um ânimo diferente à minha vida! E mais frutos!

Esta chamada de Deus, nalguns momentos, também pode passar por uma conversão/mudança radical no caminho que estamos a viver. Alguns sonhos poderão ter de ser concretizados de forma diferente daquela que tínhamos sonhado inicialmente!

Recordo também umas pistas que me ajudaram: *Fortalecei os vossos corações... A graça permite-me viver com a cruz, bem. Pode ser uma doença, uma limitação, algo alheio a nós próprios... que, em vez de ameaça, se pode tornar motivo de amor e de graça.*

“De acordo com a riqueza da Sua graça, que Ele nos concedeu com abundância, nós estamos cheios de sabedoria e inteligência” (Ef 1).

Quando Jesus chama os Apóstolos, dá-lhes alguns conselhos. Também hoje, connosco, Jesus nos orienta no nosso caminho:

- Envia-os dois a dois - convite à comunhão, a viver em comunidade, a apoiar-nos e ajudarmo-nos uns aos outros. *“Onde dois ou mais estiverem reunidos em meu nome, eu estarei no meio deles”.*
 - Dá-lhes poder sobre os espíritos impuros - convite a acreditar na força e poder da oração e do amor concretizado; a estarmos atentos aos frutos do espírito e a partilhá-los.
 - Diz-lhes para não levarem nada para o caminho - convite à humildade e ao desapego.
- “Só Deus basta...”*

Se respondermos com a nossa vida ao desafio de Jesus, se vivermos em missão, como “enviados” do Pai, concretizamos o sonho de chegar a muitos... para que também se possam sentir escolhidos e resgatados!

Temos consciência de que, com o nosso testemunho e oração, somos capazes de expulsar muitos demónios? E de curar muitas pessoas?

Temos a noção do impacto que já temos (e podemos vir a ter) neste mundo?

Para onde somos enviados hoje? A quem o Senhor nos envia?

*A ti, discípulo da Sua Palavra,
Escolhido por amor,
Para dar frutos da vida.
A ti, se dirigiu o Seu olhar,
E sonhou fazer de ti
Uma terra semeada.*

*Em ti, ele forjou toda uma história,
Com paciência e com amor,
Passo a passo, dia a dia.*

*EU DESTINEI-TE PARA QUE VÁS
E DÊS MUITO FRUTO,
UM FRUTO QUE PERMANEÇA
E SE ESTENDA POR TODA A TERRA.
SERÁS MOTIVO DE ALEGRIA,
TU, MEU AMIGO
SE PERMANECES UNIDO A MIM,
FAREI QUE DÊS MUITO FRUTO.*

*A ti, discípulo da Sua Palavra,
Na tua pobreza levarás
A riqueza que é a Sua Vida.*

*Irás apoiado em Sua promessa,
A Seu lado avançarás.
Ele te dará Sua firmeza.*

*Por ti, aos povos de toda a Terra
Minha Palavra chegará
E curará suas feridas.*



(Cântico Verbum Dei)

A ação de Deus prevalecerá!

Jr 23,1-6 «Diz o Senhor: “Ai dos pastores que perdem e dispersam as ovelhas do meu rebanho!”.

Sl 22 (23) Por isso, assim fala o Senhor, Deus de Israel, aos pastores que apascentam o meu povo:

Ef 2,13-18 “Dispersastes as minhas ovelhas e as escorraçastes, sem terdes cuidado delas. Vou

Mc 6,30-34 ocupar-Me de vós e castigar-vos, pedir-vos contas das vossas más ações – oráculo do Senhor. Eu mesmo reunirei o resto das

minhas ovelhas de todas as terras onde se dispersaram e as farei voltar às suas pastagens, para que cresçam e se multipliquem. Dar-lhes-ei pastores que as apascentem e não mais terão medo nem sobressalto; nem se perderá nenhuma delas – oráculo do Senhor. Dias virão, diz o Senhor, em que farei surgir para David um rebento justo. Será um verdadeiro rei e governará com sabedoria; há de exercer no país o direito e a justiça. Nos seus dias, Judá será salvo e Israel viverá em segurança. Este será o seu nome: ‘O Senhor é a nossa justiça’”»

(Jr 23, 1-6)



Neste Domingo do Tempo Comum, a Igreja convida-nos a rezar esta leitura de Jeremias que nos recorda algo muito importante: Deus sempre atua! É Deus quem atua no final (seja isso o que for...)!

A imagem de “Bom Pastor” diz-nos isso mesmo: a ovelha só, perdida, mergulhada no desconhecido, é resgatada a partir da sua realidade.

Por vezes, comportamo-nos como “ovelhas sem pastores”, ou com “pastores” incapazes de nos levarem para os melhores “pastos”, para vivermos de forma cuidada, num ecossistema favorável para um desenvolvimento individual integrado...

Esta alegoria das ovelhas e do pastor é algo que nos pode ajudar a rezar, reconhecendo Deus presente na nossa vida!

De algum modo, somos, simultaneamente, como uma “ovelha no rebanho” e também “pastores”, com uma missão, que é a história da própria Humanidade. É-nos pedido que, como cristãos, sejamos capazes de congregar, gerar redes de fraternidade, contribuindo para um mundo mais justo.

E eu, como me sinto hoje? Que “prado” me sustenta? Quem me cuida, e por quem me deixo verdadeiramente cuidar? Sinto-me “escorraçado” e empurrado para o abismo, em terrenos pedregosos, sem erva verde e fresca? O que busco na minha existência?

Convido-vos, também, a ter presentes outras perguntas, na perspetiva do pastor: vivi estes tempos estranhos de COVID como um pastor que congrega? Sonho em levar aqueles que me são confiados a verdes prados, ou deixo-os, por vezes, numa arriba, em terra árida...?

Deus, nesta imagem de “Bom Pastor”, recorda-nos que permanece sempre, dando liberdade às suas ovelhas, não esquece nenhuma... Confiamos verdadeiramente nesta imagem? Em que é que isto muda o concreto da minha vida? Ele não se fica por nos prometer que iremos crescer ... É-nos dito que também nos multiplicaremos! Mais viverão connosco! É que a vida gera vida! Seremos também nós “bons pastores”, viveremos bem as nossas vidas? Se isso acontecer, daremos aos outros, com quem nos cruzamos, vidas melhores e isto, por sua vez, despoletará uma cadeia que fará crescer esta rede. Esta é, também, a minha esperança!

De facto, e como nos fala a leitura, é “castigador” viver mal...O que não cresce decresce e todos nós já devemos ter sentido isso... Não há como não viver, ficar em suspenso... Ou se vive bem ou mal (mesmo quando o “mal” passa por tentar abdicar de viver...). Tenho experimentado tempos difíceis onde me apercebo disto mesmo, e o conselho que gostaria de deixar é que não deixemos de pedir ajuda. Já Jesus nos dizia: “Pedi e ser-vos-á dado”!

Não nos “castiguemos” deixando de pedir ajuda a Deus (que é Pai!). Façamos o mesmo com as pessoas que nos são próximas: àquele amigo, ao psiquiatra ou psicólogo de que alguém nos falou... Enfim, cada um saberá o melhor modo, mas vivamos as nossas vidas sem nos deixarmos “castigar” por elas.

Deus apresenta-se como justo... Sejamos também nós justos, tratando com justiça a nossa vida e as vidas daqueles com quem nos cruzamos, na escola, no trabalho, no supermercado, na própria casa ou na Comunidade de fé!

Rezemos um tempo com o gozo de quem revê um velho amigo, dando oportunidade para que também Ele nos fale! Boa oração!

“(...) É assim especificada a relação entre o pastor e as ovelhas: um conhecimento recíproco que se torna amor, um conhecimento penetrativo através do qual o pastor conhece as ovelhas em profundidade nas quais elas próprias não conseguem conhecer-se; e as ovelhas conseguem reconhecer o pastor como aquele que toma conta delas porque as ama. Experiência indizível, e, todavia, autêntica, na qual se escuta a voz do pastor, se consegue discernir a sua presença elusiva, mas sobretudo em que nos sentimos amados, compreendidos, perdoados por um amor que é sempre também misericórdia.

Mas junto ao bom pastor aparece também o «pastor assalariado», que realiza a sua função e o seu trabalho apenas pelo salário. Muitos eram os pastores deste género ao tempo de Jesus, e muitos são-no ainda hoje: não são maus, não fazem mal, não roubam o povo de Deus nem o maltratam, mas são meros funcionários. Se a Igreja fosse uma máquina, poderia andar em frente assim; mas a Igreja é o rebanho do Senhor, é uma realidade viva, um corpo no qual, se não há amor gratuito, acontece uma triste desfiguração. O pastor assalariado desempenha o seu mester na medida em que é pago; por isso, se vê chegar o lobo, pensa em salvar-se a si próprio, não às ovelhas. Jesus, ao contrário, não! A Sua missão de pastor é motivada só pelo amor, e o Pai ama-O precisamente por isso: porque sabe dar a vida pelas ovelhas, para depois a receber de novo Dele. A Sua missão de dar e gastar a vida é dirigida a todos os seres humanos, mesmo àqueles que pertencem a outros redís, não só ao de Israel. Virá o dia em que também estas ovelhas provenientes das gentes poderão escutar a voz de Cristo e assim tornar-se ovelhas do rebanho que é o Seu: Dele, o único pastor da Humanidade, de toda a criação.”

(Enzo Bianchi, In "Monastero di Bose")

Partilhar é sempre possível

2 Rs 4,42-44 «Naquele tempo, Jesus partiu para o outro lado do mar da Galileia, ou de Tiberíades.

Sl 144 (145) Seguia-O numerosa multidão, por ver os milagres que Ele realizava nos doentes. Jesus

Ef 4,1-6 subiu a um monte e sentou-Se aí com os seus discípulos. Estava próxima a Páscoa, a festa

Jo 6,1-15 dos judeus. Erguendo os olhos e vendo que uma grande multidão vinha ao seu

encontro, Jesus disse a Filipe: “Onde havemos de comprar pão para lhes dar de comer?”. Dizia isto para o experimentar, pois Ele bem sabia o que ia fazer. Respondeu-Lhe Filipe: “Duzentos denários de pão não chegam para dar um bocadinho a cada um”. Disse-Lhe um dos discípulos, André, irmão de Simão Pedro: “Está aqui um rapazito que tem cinco pães de cevada e dois peixes. Mas que é isso para tanta gente?”. Jesus respondeu: “Mandai-os sentar”. Havia muita erva naquele lugar, e os homens sentaram-se em número de uns cinco mil. Então, Jesus tomou os pães, deu graças e distribuiu-os aos que estavam sentados, fazendo o mesmo com os peixes; e comeram quanto quiseram. Quando ficaram saciados, Jesus disse aos discípulos: “Recolhei os bocados que sobraram, para que nada se perca”. Recolheram-nos e encheram doze cestos com os bocados dos cinco pães de cevada que sobraram aos que tinham comido. Quando viram o milagre que Jesus fizera, aqueles homens começaram a dizer: “Este é, na verdade, o Profeta que estava para vir ao mundo”. Mas Jesus, sabendo que viriam buscá-l’O para O fazerem rei, retirou-Se novamente, sozinho, para o monte.»

(Mt 6, 1-15)



leitura da multiplicação dos pães é sempre um texto que provoca uma interpelação muito forte.

Uma leitura mais imediata deste trecho do Evangelho leva-nos à certeza de que o encontro com Jesus, a relação com Ele, é o que nos alimenta - mesmo quando parece que isso não é possível. E alimenta-nos de uma forma tão plena que transborda. Só com o que sobra já ficamos alimentados.

Mas, deixando que, como a Filipe, Jesus nos interpele, podemos aprofundar e encontrar, junto do Senhor, outra chave de leitura para este episódio evangélico.

Podemos começar por nos deixarmos interpelar pela multidão. Já no tempo de Jesus há uma multidão que busca algo que não tem nas suas vidas, que anda à procura e, neste caso, procura Jesus. Procuravam-No, diz o texto, pelos milagres que fazia.

Nestes momentos tão atribulados, ainda no meio de uma pandemia, que procuram hoje as pessoas? Que procuro hoje eu? E procuro-o em Jesus?

Jesus e os discípulos encontram-se, portanto, perante uma multidão num local remoto, um monte fora da cidade. E é Jesus que se apercebe de que é necessário alimentar toda aquela gente. Nenhum dos discípulos pensa sequer nas necessidades daqueles que os seguem, daqueles que seguem Jesus.

É uma interpelação muito forte. Muitas vezes não somos capazes de ver qual a necessidade do outro, qual a sua “fome”. É por isso que a relação, o diálogo, com Jesus é importante. Ele pode ir-nos dizendo aquilo de que aqueles que nos rodeiam vão necessitando, aquilo de que estão esfomeados. Deixo, na minha oração, espaço para que Jesus ative a minha empatia face aos outros e me abra os olhos, e o coração, às suas necessidades?

A única resposta que Filipe dá à pergunta de Jesus, é a confissão de que não consegue encontrar uma forma de resolver aquele problema: *“Duzentos denários de pão não chegam para dar um bocadinho a cada um”*.

Tantas vezes essa é a nossa, a minha, resposta. Perante um problema tão grande sentir-me-ia impotente para o resolver, mesmo que parcialmente.

Filipe pensava que o Senhor Ihe estava a pedir que ele sozinho resolvesse o problema. Quantas vezes me engano ao pensar assim também? Escuto o Senhor e meto na cabeça que Ele me pede para que, sozinho, resolva determinada questão, situação, problema. Mas será isso o que Jesus quer?

Felizmente, Filipe não era o único discípulo de Jesus. Um outro, André, arrisca intervir ainda que sem grande confiança: *“Está aqui um rapazito que tem cinco pães de cevada e dois peixes. Mas que é isso para tanta gente?”*

Tantas vezes, procuro uma solução sozinho esquecendo-me de que não vivo só. Unindo ideias, propostas, esforços, talvez seja possível encontrar outros caminhos e soluções a que nunca chegaríamos sozinhos. Talvez procurando soluções em conjunto, quer em sociedade quer em comunidade, seja possível ultrapassar alguns problemas. Talvez.

E é aqui que entra em cena um personagem muito improvável: um rapazito. E o que tem para resolver o problema – uma multidão que necessita comer – são unicamente cinco pães e dois peixes.

Esta é, para mim, a maior interpelação: só partilhando o que tenho, mesmo quando me sinto pequeno e pobre, poderei ser parte da solução de qualquer problema.

A multiplicação dos pães não terá sido um ato mágico de Jesus – o Deus que se fez homem, não o esqueçamos, para ser igual a nós, exceto no pecado – mas terá sido, antes, o contágio da partilha generosa do pequeno rapazito que oferece o que tem.

Esse parece ser o maior desafio. Estou disponível para partilhar mesmo quando acho que é pouco o que tenho, e mesmo quando me sinto pequeno e pobre?

Através desta leitura sinto que Jesus sempre me diz e interpela: partilhar é sempre possível.



[...] Do muito que acabamos de ouvir nos textos proclamados, deixai-me fixar num passo só: «Erguendo os olhos e vendo uma grande multidão que vinha ao seu encontro, Jesus disse a Filipe: “Onde havemos de comprar pão para lhes dar de comer?”» Ergue os olhos, vê a multidão e questiona o discípulo: de nada mais precisamos para estarmos lá e nos revermos agora, a nós e ao ordinando de bispo. Erguer os olhos é tão próprio de Jesus que identifica o Seu modo de ser com o Seu modo de ver. Não se trata tanto de altitude, como de profundidade. Não perde os olhos na distância, fixa-os em quem se aproxima e assim mesmo os eleva. [...]

Quando Jesus ergueu os olhos naquele dia, não os alongou num céu indistinto. Fixou-os, isso sim, naqueles muitos que vinham ao seu encontro. E a pergunta que logo fez também não podia ser mais concreta: «Onde havemos de comprar pão para lhes dar de comer?»

Nesse e noutros passos, os quatro Evangelhos são especialmente concordes, no olhar de Cristo sobre as multidões, tão claro tinha ficado. É esse olhar que determina o que faz a seguir, em várias circunstâncias, mas sempre no mesmo sentido de cuidado e resposta. [...]

É o estilo de Jesus que impressiona, porque revela o que Ele é. Jesus não diz: olhai para a pessoa mais rica, ponde os olhos na pessoa mais bem-sucedida, ou mesmo na mais sábia. Jesus vai mais longe. Manda-nos confrontar com aquela beleza gratuita, a beleza sem mais, que nasce do ser» (ibidem, p. 189).

Este olhar disponível e sem antolhos formula-se como bem-aventurança e promessa: «Felizes os puros de coração, porque verão a Deus» (Mt 5, 8). É desta rendição deslumbrada perante o essencial de tudo e de todos, perante o que são a partir de Deus, que brota de imediato o cuidado pelos outros, para que nenhum se perca, para que nada falte de necessário e urgente. Daqui que, erguendo os olhos para os que O procuravam, Jesus alargasse a

pergunta sobre o que haviam de comer. E é por partilhar inteira e ativamente do cuidado do Pai, por todos e cada um, que sabe que o pão acabará por chegar e até sobrar.

Não o sabiam, ainda, os discípulos. Filipe fez as contas, habitualmente curtas: «Duzentos denários de pão não chegam para dar um bocadinho a cada um...». E, também, André: «Está aqui um rapazito que tem cinco pães de cevada e dois peixes. Mas que é isso para tanta gente?» Souberam-no de seguida, quando, pela certeza e a bênção de Jesus, daquele indispensável pouco sobrou um abundante muito.

Dois mil anos de Cristo no mundo confirmam – a quem realmente queira ver – a experiência mais certa da Humanidade no seu todo. As grandes necessidades resolvem-se do pouco para o muito, quando a disponibilidade é total e concreta. – O que eram cinco pães, que nem sequer eram de trigo; o que eram dois peixes, pequenos como os daquele lago ainda são; e dum rapazito que pouco ou nada contava? Eram o quase nada que havia e, ainda assim, requerido, para que o absolutamente tudo da convicção, do olhar e das mãos de Jesus a todos saciasse e sobejasse ainda.

Onde estivermos pode sempre abrir-se o futuro, se inteiramente estivermos, como Cristo naquele dia. O bastante não se refere aos meios, mas ao coração que nos dirige o olhar. [...]

(Excertos da homilia do Cardeal-Patriarca, D. Manuel Clemente,
na Ordenação Episcopal de D. José Tolentino de Mendonça)

A mais rara das obras de Arte

Ex 16,2-4.12-15 «Naquele tempo, quando a multidão viu que nem Jesus nem os seus discípulos estavam à beira do lago, subiram todos para as barcas e foram para Cafarnaum, à procura de Jesus. Ao encontrá-l’O no outro lado do mar, disseram-Lhe: “Mestre, quando chegaste aqui?”. Jesus respondeu-lhes: “Em verdade, em verdade vos digo: vós procurais-Me, não porque vistes milagres, mas porque comestes dos pães e ficastes saciados. Trabalhai, não tanto pela comida que se perde, mas pelo alimento que dura até à vida eterna e que o Filho do homem vos dará. A Ele é que o Pai, o próprio Deus, marcou com o seu selo”. Disseram-Lhe então: “Que devemos nós fazer para praticar as obras de Deus?”. Respondeu-lhes Jesus: “A obra de Deus consiste em acreditar n’Aquele que Ele enviou”. Disseram-Lhe eles: “Que milagres fazes Tu, para que nós vejamos e acreditemos em Ti? Que obra realizas? No deserto os nossos pais comeram o maná, conforme está escrito: ‘Deu-lhes a comer um pão que veio do Céu’”. Jesus respondeu-lhes: “Em verdade, em verdade vos digo: Não foi Moisés que vos deu o pão do Céu; meu Pai é que vos dá o verdadeiro pão do Céu. O pão de Deus é o que desce do Céu para dar a vida ao mundo”. Disseram-Lhe eles: “Senhor, dá-nos sempre desse pão”. Jesus respondeu-lhes: “Eu sou o pão da vida: quem vem a Mim nunca mais terá fome, quem acredita em Mim nunca mais terá sede”.»

(Jo 6, 24-35)



há pouco tempo, cruzei-me com uma pessoa que falava no “sentido estético da alma”. Tinha uma linguagem algo hermética pelo que, mesmo depois da explicação, pouco soube do que, no fundo, queria dizer. Fiquei a refletir sobre isso e são várias as vezes em que volto a esse enigmático conceito...

A estética reporta-nos para a beleza, para a harmonia entre formas e cores, entre matéria e sensações. De facto, há “coisas” que nos deixam boquiabertos pela sua beleza, momentos em que nos sentimos pequenos face a essa grandiosidade da perfeição, mas ao mesmo tempo cheios dessa beleza, como se pela contemplação ela se entranhasse em nós. Obras de arte, construções do homem antigo, paisagens, natureza... Nesse momento, louvo a Deus pelo seu poder criador e criativo, e pela graça de nos fazer seus Filhos à sua Imagem.

E é a partir desta contemplação da beleza (sobretudo em férias, é um tempo propício a estarmos mais recetivos) que volto ao tema da estética da alma.

Tenho vindo a pensar que esta beleza que os olhos captam já existe em cada um; de facto, essa beleza que captamos fora ecoa numa outra que já existe dentro, é um lugar que nos é familiar... Quem não sentiu já isto?

Somos uma obra de arte de rara beleza. Será que nos contemplamos com o mesmo respeito com que olhamos a peça de arte mais preciosa? Deixamo-nos também ser contemplados por Deus? Sentir o seu olhar admirável de Pai criador?

Estou cada vez mais sintonizada com a beleza humana. Custa-me ouvir pessoas que não se valorizam, não se respeitam, que encarnam papéis de uma certa fealdade. Às vezes apetece-me dizer: “já paraste para TE VER? Olha além, olha muito além desses queixumes e amargura. És belo e Deus habita em ti!”

Como São Paulo nos lembra na carta aos Efésios, temos que sair da “futilidade dos pensamentos”, do corpo do homem velho “corrompido por desejos enganadores”. “Renovai-vos pela transformação espiritual da vossa inteligência e revesti-vos do homem novo, criado à imagem de Deus na justiça e santidade verdadeiras”, acrescenta. Jesus trouxe-nos este radical convite à transformação, a um homem que rompe com o estabelecido e velhos padrões e ousa renascer à imagem de Deus.

No Evangelho, São João apresenta-nos o belíssimo diálogo entre Jesus e os seus discípulos após o milagre dos pães:
«*Eu sou o pão da vida: quem vem a Mim nunca mais terá fome, quem acredita em Mim nunca mais terá sede*».

Eis de novo o convite “*quem vem a Mim*”... A comunhão com Deus sacia a nossa alma, faz-nos sair do ciclo da abundância e do vazio, dá sentido à nossa busca de felicidade e eternidade. O nada que somos funde-se em Deus e renova o nosso Ser.

Tenhamos, no nosso coração, a cada minuto, o desejo fervente de sermos homens e mulheres NOVOS. Sejamos nós como os discípulos que, com tanta humildade, dizem: «SENHOR, DÁ-ME SEMPRE DESSE PÃO».



Podemos aprender a ver a realidade. Simplesmente vê-la e viver com ela é curativo. Ela conduz-nos a um novo tipo de espontaneidade, a espontaneidade dum criança que aprecia a frescura da vida, o carácter direto da experiência. Temos que recuperar esta espontaneidade por forma a entrarmos no Reino. É a espontaneidade da verdadeira moralidade, de fazer as coisas certas de modo natural, não viver com base no livro de regras, mas viver com base na única moralidade, a moralidade do amor. A experiência do amor dá-nos uma renovada capacidade de viver a nossa vida com menos esforço. Torna-se menos uma luta, menos competitiva, menos aquisitiva, ao revelar-nos aquilo que todos já vislumbrámos, de algum modo e a certa altura, por meio do amor: que a nossa natureza essencial é alegre. Lá bem no fundo, somos seres alegres. Se conseguirmos aprender a saborear os dons da vida e a ver o que a vida é verdadeiramente, estaremos melhor equipados para aceitar as suas tribulações e o seu sofrimento.

(“Aspetos do Amor” – Fr. Laurence Freeman)

Quem comer deste pão viverá eternamente.

1 Rs 19,4-8 «Naquele tempo, os judeus murmuravam de

Sl 33 (34) Jesus, por Ele ter dito: “Eu sou o pão que desceu do Céu”. E diziam: “Não é Ele Jesus, o filho de José? Não conhecemos o seu pai e a

Ef 4,30 – 5,2 sua mãe? Como é que Ele diz agora: ‘Eu descido do Céu?’”. Jesus respondeu-lhes: “Não

Jo 6,41-51 murmureis entre vós. Ninguém pode vir a Mim, se o Pai, que Me enviou, não o trouxer; e Eu ressuscitá-lo-ei no último dia. Está

escrito no livro dos Profetas: ‘Serão todos instruídos por Deus’. Todo aquele que ouve o Pai e recebe o seu ensino vem a Mim. Não porque alguém tenha visto o Pai; só Aquele que vem de junto de Deus viu o Pai. Em verdade, em verdade vos digo: Quem acredita tem a vida eterna. Eu sou o pão da vida. No deserto, os vossos pais comeram o maná e morreram. Mas este pão é o que desce do Céu, para que não morra quem dele comer. Eu sou o pão vivo que desceu do Céu. Quem comer deste pão viverá eternamente. E o pão que Eu hei de dar é a minha carne, que Eu darei pela vida do mundo”»

(Jo 6, 41-51)

Pilatos perguntou a Jesus: “*O que é a verdade?*” (Jo 18,38) e não obteve qualquer resposta. A verdade revelada em Jesus exige uma predisposição interior para O reconhecer. Todos os que se cruzaram com Jesus com um olhar envenenado, não o conseguiram fazer. Ficaram prisioneiros dos detalhes, das discussões fúteis, dos preceitos e preconceitos que nos toldam a visão. Passaram ao lado, no mínimo, de uma oportunidade histórica de conhecer um dos homens que mais influenciou a história da Humanidade. Para nós, foi bem mais que isso, a própria revelação do Deus vivo que se dá a conhecer aos homens em cada gesto, ensinamento, palavra e silêncio. Qualquer olhar empedernido pela circunstância social, geográfica, étnica ou outra é sempre redutor. Não é Ele o filho do carpinteiro? Não é ele de um lugar insignificante? Não é Ele aquele que nunca estudou? O que não guarda o Sábado? O que tem discípulos que não se purificam antes das refeições? Esta imensa oportunidade perdida que aqueles contemporâneos de Jesus deixaram escapar, leva-nos a um confronto essencial a cada momento da vida Cristã: “Reconheceria Jesus se O visses aqui e agora?”.

Como está o meu olhar? Estou preso aos detalhes das circunstâncias, ou procuro olhar para o Mundo nesta busca constante do rosto de Deus, sempre capaz de nos surpreender no lugar mais recôndito, no momento mais inusitado? A transformação necessária a esta purificação do olhar é, antes de mais, uma graça de Deus. É na vela do Batismo, símbolo desta visão iluminada, que nos apresentamos perante Deus com esta intencionalidade e compromisso, o de purificar o nosso olhar, o de sermos Luz do Mundo (Mt 5, 16). O convite de Jesus é bem claro, todo o que se predispõe a conhecer o Pai através de Si, tem a vida eterna. Uma vida que não se esgota nos sobressaltos dos nossos dias, nas

contingências e preocupações que nos assolam, mas antes uma fé que nos permite um vislumbre da sabedoria, a consciência da plenitude. E esta apenas pode e deve ser vivida no tempo presente, no lugar onde habitamos.



Melhor de mim

*E o brilho que o sol irradia
Há de sempre me iluminar
Quebro as algemas neste meu lamento
Se renasço a cada momento meu destino na vida é maior
Também eu vou em busca da luz
Saio daqui onde a sombra seduz
Também eu estou à espera de mim
Algo me diz que a tormenta passará
É preciso perder para depois se ganhar
E mesmo sem ver, acreditar
A vida que segue e não espera pela gente
Cada passo que dermos em frente
Caminhando sem medo de errar
E creio que noite sempre se tornará dia
E o brilho que o sol irradia há de sempre nos iluminar
Sei que o melhor de mim está pra chegar*

(Excerto de letra de AC Firmino / Tiago Machado)

Em caminho com Maria!

- Ap 11,19a; 12,1-6a.10ab «Naqueles dias,
Maria pôs-se a caminho
e dirigiu-se apressadamente para a montanha,
em direção a uma cidade de Judá.
Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel.
- SI 44 (45) Quando Isabel ouviu a saudação de Maria,
o menino exultou-lhe no seio.
- 1 Cor 15,20-27 Isabel ficou cheia do Espírito Santo
e exclamou em alta voz:
- Lc 1,39-56

“Bendita és tu entre as mulheres
e bendito é o fruto do teu ventre.

Donde me é dado

que venha ter comigo a Mãe do meu Senhor?

Na verdade, logo que chegou aos meus ouvidos

a voz da tua saudação,

o menino exultou de alegria no meu seio.

Bem-aventurada aquela que acreditou

no cumprimento de tudo quanto lhe foi dito

da parte do Senhor”.

Maria disse então:

“A minha alma glorifica o Senhor

e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador,

porque pôs os olhos na humildade da sua serva:

de hoje em diante me chamarão bem-aventurada

todas as gerações.

O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas:

Santo é o seu nome.

A sua misericórdia se estende de geração em geração

sobre aqueles que O temem.
Manifestou o poder do seu braço
e dispersou os soberbos.
Derrubou os poderosos de seus tronos
e exaltou os humildes.
Aos famintos encheu de bens
e aos ricos despediu de mãos vazias.
Acolheu a Israel, seu servo,
lembrado da sua misericórdia,
como tinha prometido a nossos pais,
a Abraão e à sua descendência para sempre”.
Maria ficou junto de Isabel cerca de três meses
e depois regressou a sua casa.»
(Lc 1, 39-56)

Je vous salue Marie, pleine de
grâce;
Le Seigneur est avec vous.
Vous êtes bénie entre toutes
les femmes
Et Jésus, le fruit de vos
entrailles, est béni.
Sainte Marie, Mère de Dieu,
Priez pour nous pauvres
pécheurs,
Maintenant et à l’heure de
notre mort.
Amen.

Eu te saúdo, Maria, cheia de
graça,
O Senhor está contigo.
Tu és abençoada entre todas
as mulheres e o fruto das tuas
entranhas, Jesus,
É abençoado.
Santa Maria, Mãe de Jesus,
reza por nós, pobres
pecadores,
Agora e na hora da nossa
morte.
Amen.
(tradução livre)

Rezei estas pistas durante o mês de maio, e acompanhei as cerimónias de Fátima pela televisão e, na oração, veio-me muitas vezes à ideia este pensamento: o que traz as pessoas a Fátima? O que faz com que tanta gente venha ver a N.ª Senhora? Que devoção a Maria é esta?

Maria é uma mulher “normal”, comum, como tantas vezes já ouvimos... e a sua vida virou-se de pernas para o ar quando disse “sim” a Deus... talvez sem perceber bem o que lhe estavam a propor... tal como nós às vezes fazemos: não vemos bem por onde vamos, mas quando colocados perante um “queres” dizemos que sim, sem saber bem como vai ser...

Maria concebe um filho em condições únicas, e tem o seu filho em circunstâncias que não previa, num Mundo em mudança, fora da sua casa, sem outra pessoa que não José para a ajudar... como se calhar acontece com muitas mulheres que, no mundo de hoje, fogem, mulheres e famílias, da Síria, das zonas em conflito em Cabo Delgado, mulheres que entram nos barcos sem saberem nadar sequer e vão para o mar porque ficar em terra é impensável... quantas Marias existem no mundo de hoje?

Maria tem de lidar com os ímpetos da adolescência e autonomia de Jesus, quando não sabe por onde ele anda, quando aos 12 anos não O encontra no Templo... como muitas de nós, com os ímpetos e rebeliões dos nossos filhos adolescentes, que querem ganhar a sua independência e acham que sair sem dizer a ninguém onde vão é autonomia...

E vive aquilo que nenhuma mãe ou nenhum pai quer viver: ver o seu filho ser condenado à morte e efetivamente morto, com morte de cruz, cheia de sofrimento... um Filho que, antes de morrer, ainda lhe entrega outro filho para ela cuidar. Quando se calhar a ti, Maria, o que mais te apetecia era fechar o coração, fechares-te na tua dor maior: o fruto das tuas entranhas estava a morrer! Mas não, ainda

assim, vivendo o impensável, o não sonhado, ainda assim ouviste o pedido que o teu Filho te fez, soubeste pôr de lado a tua dor e soubeste acolher, abrindo o coração... E por essa abertura de coração entramos todos nós!

Sim, quantas vezes esqueço que Jesus é também fruto das entranhas de Maria... assim o diz a Avé Maria em francês: *“Tu és abençoada entre todas as mulheres e o fruto das tuas entranhas, Jesus, é abençoado”*... Eu, que tantas vezes só procuro “coisas” de Deus em Jesus, esqueço-me que Jesus também tem “coisas” tuas... tal como os nossos filhos têm características nossas!

Maria está sempre ligada a Deus – a sua fé, a sua ligação a Deus é o fio condutor por detrás dos seus dias, das suas atitudes; o fio invisível que conduz toda a sua vida, todas as suas atividades, as suas rotinas... na vida de Maria há espaço para Deus. Há espaço para parar e contemplar; há espaço para escutar, para não compreender e, ainda assim, guardar, “mastigar”, dar voltas no coração às palavras que o Senhor lhe ia dizendo, há espaço para calar as muitas vozes que existem no mundo, há espaço para agradecer as maravilhas que Ele vai fazendo na sua vida, há espaço para se pôr em caminho e visitar quem dela precisa... e o meu fio condutor, qual é? Resisto à tentação de olhar para a minha vida com os olhos do “Antigo Testamento” e começar a dizer que não se vê, e nem sempre consigo que Deus seja o meu fio condutor...? Não! Eu sei e experimento, como muitos de vocês, que Deus, N. Senhora, Jesus, já moram em mim! São eles os meus fios condutores... o que tenho então de fazer para que também a minha vida seja marcada pelo ritmo de Deus? Pelo ritmo de Maria?

Deixo o desafio: muitos de nós estamos em fase de definir rotinas porque vai começar um novo ano letivo – por que não aproveitar e, este ano, fazer o nosso horário colocando em primeiro lugar o tempo que precisamos para Deus, e só depois preencheremos o nosso dia com as outras coisas que temos para fazer? Sejam 5 minutos de oração de manhã, seja 1 hora ao sábado ou ao domingo, dia em que temos mais tempo, cada um verá.

“Donde me é dado que venha ter comigo a Mãe do meu Senhor?”

Deixo que a minha vida seja visitada por Maria, tenha marcas da sua presença? Peço ajuda a Maria para conseguir dar o meu sim? Que parte de Ti, Mãe, preciso de tornar mais presente na minha vida?

Numas pistas que ouvi num dos terços que rezei, ouvi isto que partilho também: de cada vez que dizemos sim a Deus, Jesus encarna em nós... é esta a Sua maneira de se fazer presente no Mundo de hoje: através de nós, dos que dizemos que sim, tal como Maria disse.

O que é isto de encarnar em mim? É fazer-se presente no Mundo, através da minha pessoa. Fazer-se presente em cada um de nós, para que, juntos, consigamos realmente tornar-nos mais fraternos, mais misericordiosos, mais preocupados, mais atentos aos outros, mudando um bocadinho em cada casa, em cada família, em cada país...

Ao dar o seu sim, *“Maria pôs-se a caminho”* ... e nós? Vamos com Ela? Damos também o nosso sim?



«Ave, Maria», por Tolentino Mendonça

Gosto de pensar, Maria, que também a tua fraqueza sustém a tua força, que soubeste aceitar atravessar tantas incertezas, fazendo aderir o teu coração a uma confiança que não se via. E que, por isso, não te é estranha a minha agitação confusa, a minha indecisão, os medos que em certas horas me agriem, e que tu, que tudo compreendes, sabes abraçar.

Gosto de recordar quanto foi difícil o teu caminho, repleto de obstáculos mais duros do que aqueles que eu enfrento, fustigado por sombras, derivas e dores. E que o teu olhar se tornou um imenso ventre, onde posso depor tudo aquilo que tanto me custa, e que tu, que tudo compreendes, sabes abraçar.

Gosto de contemplar essa tua capacidade de agradecer. De agradecer a anunciação luminosa e as suas ásperas consequências; essas palavras límpidas e depois uma dolorosa sucessão de momentos passados a perguntar-te como será; a brandura da brisa e a dureza do vento.

E que, por isso, tu abraças o meu cansaço de viver com esperança a minha força e a minha fragilidade; aquilo que levo ao termo e aquilo que deixarei incompleto; aquilo que depende ou não depende de mim – e tudo tu compreendes.

Gosto de saber que encontraste os planos de Deus infinitamente superiores a ti e que, mais uma vez, te sentiste pequena, só e não à altura, como tantas vezes eu me sinto. E também por isto, no fundo de mim experimento que me abraças, tu que tudo compreendes.

([In Avvenire])

Pastoral da Cultura, RAZÕES PARA ACREDITAR 11 janeiro 2021)

Palavra de Vida!

Js 24,1-2a,15-
17,18b

Sl 33 (34)

Ef 5,21-32

Jo 6,55.60-69

«Depois de o ouvirem, muitos dos seus discípulos disseram: “Que palavras insuportáveis! Quem pode entender isto?”

Mas Jesus, sabendo no seu íntimo que os seus discípulos murmuravam a respeito disto, disse-lhes: “Isto escandaliza-vos? E se virdes o Filho do Homem subir para onde estava antes? É o Espírito quem dá a vida; a carne não serve de nada: as palavras que vos disse

são espírito e são vida. Mas há alguns de vós que não creem.” De facto, Jesus sabia, desde o princípio, quem eram os que não criam e também quem era aquele que o havia de entregar. E dizia: “Por isso é que Eu vos declarei que ninguém pode vir a mim, se isso não lhe for concedido pelo Pai.” A partir daí, muitos dos seus discípulos voltaram para trás e já não andavam com Ele. Então, Jesus disse aos Doze: “Também vós quereis ir embora?” Respondeu-lhe Simão Pedro: “A quem iremos nós, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna! Por isso nós cremos e sabemos que Tu é que és o Santo de Deus”.»

(Jo 6, 60-69)

Boa noite, Senhor. Hoje não consigo olhar com a devida profundidade para esta parte da carta de S. Paulo aos Efésios, de modo a dela extrair o verdadeiro significado. Não é que seja uma palavra insuportável, mas seria mais teologia que oração. Ficou só a ecoar esta frase: *“Por isso, o homem deixará pai e mãe, para se unir à sua mulher, e os dois passarão a ser um só.”* Parece simples, mas os que já temos alguns anos de experiência, podemos confirmar que “ser um só” é um desafio diário...

Há momentos da nossa vida em que é difícil parar para escutar a Palavra de Deus. Vamo-nos perdendo nas tarefas e obrigações, acabando mais um dia vencidos pelo cansaço. Não sou dos que não creem, nem quero voltar costas a Jesus e ir embora, mas este prolongado tempo de teletrabalho não me tem ajudado nada a viver cheio do Espírito.

Vivemos num tempo em que toda a gente tem opinião sobre tudo e a expressa ao mundo, imediatamente, muitas vezes sem sequer refletir sobre o que observou ou sentiu. O mundo da palavra fácil, em que o importante e o insignificante se misturam irremediavelmente. E há más palavras: as que são irresponsáveis, interesseiras, esmagam, destroem e matam. Estas sim, são verdadeira e profundamente insuportáveis para quem sente os seus efeitos... E se é fácil apontar o dedo a muitos maus exemplos reais do mundo empresarial ou político, quantas vezes somos nós mesmos, abusando igualmente da nossa posição, visibilidade e prestígio a usar más palavras a nosso favor? E a variedade de contextos em que o fazemos? Como profissionais, como pais, amigos, familiares...

A palavra de Jesus nunca me pareceu insuportável, mesmo quando Ele desafia mais do que apazigua os nossos corações. E o Evangelho segundo S. João é, mais que o preferido, aquele que me toca mais profundamente.

As palavras de Jesus *“são espírito e são vida”*. Acreditamos nisto? Acreditamos que *“É o Espírito quem dá a vida; a carne não serve de nada”*?

Acho que só explorando e rezando mais a Palavra de Jesus podemos dar resposta a estas perguntas. Deixo-vos alguns exemplos que muito me ajudaram e continuam a ser, para mim, palavras de vida:

“Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim estará salvo; há de entrar e sair e achará pastagem. (...) Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância. Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas.

As minhas ovelhas escutam a minha voz: Eu conheço-as e elas seguem-me.

Dou-lhes a vida eterna, e nem elas hão de perecer jamais, nem ninguém as arrancará da minha mão” Jo 10, 1-2, 9-11, 27-28

“Eu sou a Ressurreição e a Vida. Quem crê em mim, mesmo que tenha morrido, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim não morrerá para sempre. Crês nisto?” Jo 11, 25-26

“Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém pode ir até ao Pai senão por Mim.

Se ficastes a conhecer-Me, conhecereis também o Meu Pai. E já o conheceis, pois estais a vê-lo.” Jo 14, 1-7

“Se me tendes amor, cumprirei os meus mandamentos, e Eu apelarei ao Pai e Ele vos dará outro Paráclito para que esteja sempre convosco,

o Espírito da Verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; vós é que o conheceis, porque permanece junto de vós, e está em vós.” Jo 14, 15.21

“Anunciei-vos estas coisas para que, em mim, tenhais a paz. No mundo, tereis tribulações; mas, tende confiança: Eu já venci o mundo!” Jo 16, 33

Jesus – a porta, o caminho, a verdade, a vida abundante –, que nos envia o Espírito, que nos dá a paz...

Num mundo cheio de palavras e de gente que fala muito, ousou dizer como S. Pedro: *“A quem iremos Senhor? Tu tens palavras de vida eterna...”*



“A Vida Silenciosa”

Senhor, a velocidade com que vivemos impede-nos de viver.

Damos por nós ofegantes, fazendo por fazer, atropelados por agendas e jornadas. As coisas acontecem depressa demais, ninguém parece ter a certeza de nada, nem de si mesmo. Passamos pelas coisas sem as habitar, falamos com os outros sem os ouvir, juntamos informação que nunca chegamos a aprofundar. Tudo transita num galope ruidoso e efémero.

Ensina-nos o contrário disto, Senhor. Ensina-nos, Senhor, o aqui e o agora da escuta e da presença. Faz-nos reaprender o inteiro, o intacto, o verdadeiro, o afável, o fiel, o atento, o confiado. Faz-nos compreender que tal não só é possível como é o dom que nos está a ser oferecido nesta hora. Que ousemos, assim, transcender o nosso cálculo estreito, escolher mais vezes a vida silenciosa; valorizar encontros, gestos que sejam sementeiras, afetos onde se desenha a surpresa da misericórdia.

(José Tolentino Mendonça, In “Rezar de olhos abertos”)

Encher de AMOR do PAI o nosso interior para que brotem frutos do Espírito!

- Dt 4,1-2.6-8 «Naquele tempo, reuniu-se à volta de Jesus um grupo de fariseus e alguns escribas que tinham vindo de Jerusalém. Viram que alguns dos discípulos de Jesus comiam com as mãos impuras, isto é, sem as lavar. – Na verdade, os fariseus e os judeus em geral não comem sem terem lavado cuidadosamente as mãos, conforme a tradição dos antigos. Ao voltarem da praça pública, não comem sem antes se terem lavado. E seguem muitos outros costumes a que se prenderam por tradição, como lavar os copos, os jarros e as vasilhas de cobre –. Os fariseus e os escribas perguntaram a Jesus: “Porque não seguem os teus discípulos a tradição dos antigos, e comem sem lavar as mãos?” Jesus respondeu-lhes: “Bem profetizou Isaías a respeito de vós, hipócritas, como está escrito: ‘Este povo honra-Me com os lábios, mas o seu coração está longe de Mim. É vão o culto que Me prestam, e as doutrinas que ensinam não passam de preceitos humanos’. Vós deixais de lado o mandamento de Deus, para vos prenderdes à tradição dos homens”. Depois, Jesus chamou de novo a Si a multidão e começou a dizer-lhe: “Ouvi-Me e procurai compreender. Não há nada fora do homem que ao entrar nele o possa tornar impuro. O que sai do homem é que o torna impuro; porque do interior dos homens é que saem os maus pensamentos: imoralidades, roubos, assassínios, adultérios, cobiças, injustiças, fraudes, devassidão, inveja, difamação, orgulho, insensatez. Todos estes vícios saem lá de dentro e tornam o homem impuro”»
- (Mc 7)



A mensagem e proposta de Jesus de criação de um mundo novo, de uma vida nova, assente no Amor, na Liberdade e na Fraternidade entre todos os homens e mulheres, entre todos os seres humanos, no cumprimento do ideal de nos amarmos uns aos outros como Ele nos amou, era uma proposta de mudança radical – tanto naquela altura, como agora –, ainda que, por vezes, não tenhamos consciência e experiência real disso. A proposta de Jesus naquela altura implicava romper com algumas regras, tradições, costumes fortemente enraizados, impostos principalmente pelas classes sociais mais altas às classes sociais mais baixas.

A proposta de Jesus era mesmo muito radical, implicando largar posições instaladas, formas de viver instaladas e cómodas, que “davam jeito”, formas de praticar a religião adquiridas e que não eram sequer questionadas. Como poderiam os judeus e fariseus comer à mesa sem antes lavarem as mãos, conforme a tradição dos antigos? E “lavar” as mãos tinha um significado lógico, interior, profundo nas tradições, conduzindo a uma “limpeza” ou “purificação”. Não era um costume ou tradição sem uma explicação lógica, vivida, sentida, ainda que por vezes se perca esse sentido.

Naquela altura, as atitudes, o questionar, o fazer diferente de Jesus provocava as reações mais diversas nas diferentes pessoas, desde os líderes – aqueles que tinham mais poder na sociedade – ao povo.

Neste Evangelho, assistimos à reação dos fariseus e dos doutores da lei que, no seguimento do milagre da multiplicação dos pães, questionando e incomodando-se com a nova proposta de amor, partilha e serviço de Jesus, criticam o incumprimento das regras e tradições pelos discípulos de Jesus. De uma forma indireta e pouco transparente, os fariseus e doutores da lei questionam e criticam o facto de os discípulos de Jesus, e não o próprio Jesus, não

cumprirem as regras fundamentais da tradição, estando, na verdade, a pretender pôr em causa a mensagem, os comportamentos e a nova proposta de amor do próprio Jesus.

A verdade é que séculos e séculos passaram **e, ainda hoje, a mensagem e a proposta de vida nova que Jesus nos faz é profundamente radical e implica romper** com muitos modos de vida, ideias e aparências instalados, muitas ideias pré-concebidas do que é um caminho de sucesso, de felicidade, da “inevitabilidade” de disputas e litígios ou mesmo de guerras mais profundas entre pessoas, povos, países, posições sociais e económicas, e por aí adiante. Às vezes, implica até romper com regras mais subtis, mais simples, que estão instaladas no quotidiano e que passam mais despercebidas, como simplesmente encontrar e criar equilíbrios entre realidades e coisas boas, entre trabalho profissional, serviço para a comunidade, proteção e alimentação das famílias, ajuda aos amigos, apoio aos mais fragilizados. Equilíbrios estes em que, consoante se dê mais para um lado ou para o outro, se pode estar a quebrar as regras do mundo e a abdicar de melhores resultados ou de “sucessos” mais visíveis, ou se poderá estar a deixar escapar questões ou necessidades essenciais de outros para não perdermos “a nossa posição”. Pode parecer óbvia a escolha diária que fazemos, mas muitas vezes não é... E quantas vezes já as fazemos em “piloto automático” e sem as alicerçar numa opção fundamental de abraçar a proposta que Jesus nos deixou, em nome do Pai?

Finalmente, a mensagem de Jesus é clara e simples, ainda tão nítida nos dias de hoje: não é de fora, não é do mundo que vem aquilo que nos torna “impuros” ou o que nos impede de cumprir a Palavra e de escolher a mensagem e a proposta de viver no Amor de Deus. É de dentro, é no nosso interior que tudo acontece e que essa escolha mais profunda é feita.

Ainda que o exterior ou as vozes do mundo nos possam influenciar e influenciem, quantas vezes sentimos e experienciamos que, se estamos conectados por dentro com Deus e com o Seu amor, se experienciamos esse Amor de Deus e sabemos que nada nos faltará, se estamos em modo de oração e se entregamos tudo a Deus, tudo o que se passa no exterior continua a existir, acontece, não é diferente do que sucedeu no dia anterior, mas não nos abala tanto, não nos afeta tanto, surge como oportunidade de vivermos melhor esse amor de Deus e de entregarmos livremente a nossa vida e os nossos dons aos outros. E, quantas vez, quando nos desconectamos mais, rezamos menos, estamos mais dispersos, e as coisas do mundo, as vozes do mundo, os acontecimentos, têm um impacto maior e por vezes mais negativo, de nos deitar abaixo, de nos desanimar ou abalar e, nesse caso, necessitamos de nos reconectar, de voltar a Deus, de nos recolocar no essencial?

O nosso tesouro é, sem dúvida, o nosso interior, aquilo que podemos semear, regar e deixar crescer de dentro para fora, para que os frutos surjam e a luz do Amor de Deus ilumine e nos guie a nós e aos que nos rodeiam. É cuidando e amando o interior que vivemos, com tudo de bom e dom, e com tudo de fragilidade e limite que poderemos deixar brotar frutos do Espírito pelos nossos gestos, palavras, ideias, ações, pelas nossas formas de viver e de acolher os outros.

A mensagem e proposta de Amor, de Liberdade interior e de Fraternidade lançada por Jesus ainda hoje é difícil e radical, implicando romper com regras e tradições enraizadas na nossa sociedade e no nosso mundo. E somente se estivermos alinhados em oração com Deus encontraremos o Caminho, a nossa Verdade e podemos entregar a nossa Vida aos outros e melhorar o mundo em que vivemos - ainda que seja difícil.

Desafio: que regras, que modos de vida, que imagens ou aparências, que tipo de atitudes ou âncoras de segurança no mundo exterior ainda tenho de largar para melhor deixar brotar do interior aquilo em que sou bom, os meus dons, aquilo que Jesus quer que alimente para poder amar melhor, para poder reagir ao que existe de forma instalada, para poder afastar e romper com o que é contrário ou impede que esse amor brote do meu interior?



«Queridos irmãos e irmãs!

Quando experimentamos a força do amor de Deus, quando reconhecemos a sua presença de Pai na nossa vida pessoal e comunitária, não podemos deixar de anunciar e partilhar o que vimos e ouvimos. A relação de Jesus com os Seus discípulos, a Sua humanidade que nos é revelada no mistério da Encarnação, no Seu Evangelho e na Sua Páscoa mostram-nos até que ponto Deus ama a nossa humanidade e assume as nossas alegrias e sofrimentos, os nossos anseios e angústias (cf. Conc. Ecum. Vat II, Const. past. Gaudium et spes, 22). Tudo, em Cristo, nos lembra que o mundo em que vivemos e a sua necessidade de redenção não Lhe são estranhos e também nos chama a sentirmo-nos parte ativa desta missão: «Ide às saídas dos caminhos e convidai todos quantos encontrardes» (cf. Mt 22, 9). Ninguém é estranho, ninguém pode sentir-se estranho ou afastado deste amor de compaixão.

A experiência dos Apóstolos

A história da evangelização tem início com uma busca apaixonada do Senhor, que chama e quer estabelecer com cada pessoa, onde quer que esteja, um diálogo de amizade (cf. Jo 15, 12-17). Os Apóstolos são os primeiros que nos referem isso, lembrando inclusive a hora do dia em que O encontraram: «Eram as quatro da tarde» (Jo 1, 39). A amizade com o Senhor, vê-Lo curar os doentes, comer com os pecadores, alimentar os famintos, aproximar-Se dos excluídos, tocar os impuros, identificar-Se com os necessitados, fazer apelo às bem-aventuranças, ensinar de maneira nova e cheia de autoridade, deixa uma marca indelével, capaz de suscitar admiração e uma alegria expansiva e gratuita que não se pode conter. (...) O amor está sempre em movimento e põe-nos em movimento, para partilhar o anúncio mais belo e promissor: «Encontramos o Messias» (Jo 1, 41).

Com Jesus, vimos, ouvimos e constatamos que as coisas podem mudar. Ele inaugurou – já para os dias de hoje – os tempos futuros, recordando-nos uma característica essencial do nosso ser

humano, tantas vezes esquecida: «fomos criados para a plenitude, que só se alcança no amor» (Francisco, Carta enc. Fratelli tutti, 68). Tempos novos, que suscitam uma fé capaz de estimular iniciativas e plasmar comunidades a partir de homens e mulheres que aprendem a ocupar-se da fragilidade própria e dos outros (cf. ibid., 67), promovendo a fraternidade e a amizade social. A comunidade eclesial mostra a sua beleza, sempre que se lembra, com gratidão, que o Senhor nos amou primeiro (cf. 1 Jo 4, 19). Esta «predileção amorosa do Senhor surpreende-nos e gera maravilha; esta, por sua natureza, não pode ser possuída nem imposta por nós. (...) Só assim pode florir o milagre da gratuidade, do dom gratuito de si mesmo. O próprio ardor missionário nunca se pode obter em consequência dum raciocínio ou dum cálculo. Colocar-se “em estado de missão” é um reflexo da gratidão» (Francisco, Mensagem às Pontifícias Obras Missionárias, 21 de maio de 2020).

E, no entanto, os tempos não eram fáceis; os primeiros cristãos começaram a sua vida de fé num ambiente hostil e árduo. Histórias de marginalização e prisão entrelaçavam-se com resistências internas e externas, que pareciam contradizer e até negar o que tinham visto e ouvido; mas isso, em vez de ser uma dificuldade ou um obstáculo que poderia levá-los a retrair-se ou fechar-se em si mesmos, impeliu-os a transformar cada incómodo, contrariedade e dificuldade em oportunidade para a missão. Os próprios limites e impedimentos tornaram-se um lugar privilegiado para ungir, tudo e todos, com o Espírito do Senhor. Nada e ninguém podia permanecer alheio ao anúncio libertador.

(...)

Um convite a cada um de nós

O tema do Dia Mundial das Missões deste ano – «não podemos deixar de afirmar o que vimos e ouvimos» (At 4, 20) – é um convite dirigido a cada um de nós para cuidar e dar a conhecer aquilo que tem no coração. Esta missão é, e sempre foi, a identidade da Igreja: «ela existe para evangelizar» (São Paulo VI,

*Exort. ap. Evangelii nuntiandi, 14). No isolamento pessoal ou fechando-se em pequenos grupos, a nossa vida de fé esmorece, perde profecia e capacidade de encanto e gratidão; por sua própria dinâmica, exige uma abertura crescente, capaz de alcançar e abraçar a todos. **Atraídos pelo Senhor e a vida nova que oferecia, os primeiros cristãos, em vez de cederem à tentação de se fechar numa elite, foram ao encontro dos povos para testemunhar o que viram e ouviram: o Reino de Deus está próximo. Fizeram-no com a generosidade, gratidão e nobreza próprias das pessoas que semeiam, sabendo que outros comerão o fruto da sua dedicação e sacrifício. Por isso apraz-me pensar que «mesmo os mais frágeis, limitados e feridos podem [ser missionários] à sua maneira, porque sempre devemos permitir que o bem seja comunicado, embora coexista com muitas fragilidades» (Francisco, Exort. ap. pós-sinodal Christus vivit, 239).**»*

(MENSAGEM DE SUA SANTIDADE O PAPA FRANCISCO PARA
O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 2021, sublinhados nossos)

parte II

Verão, descanso, férias...

Depois de um ano de novo tão cansativo, mais um marcado pela COVID 19, podermos parar nos nossos afazeres quotidianos é uma bênção!

Cada um saberá como se organiza para estar com a família e os amigos com a prudência que a pandemia ainda exige.

Mas com Deus não são necessárias máscaras, nem distanciamento e os abraços não estão proibidos. Pelo contrário: o Verão é um tempo por excelência para estarmos mais livres e disponíveis para a oração, para a contemplação, para os momentos de silêncio, para nos deixarmos tocar por Ele e viver em Sua companhia, para nos espantarmos com a beleza da Natureza – “*Quando contemplo os céus, obra das Tuas mãos, a lua e as estrelas que criaste, Senhor...*” (Salmo 8, 4).

Esta parte do nosso Caderno subdivide-se.

Num primeiro momento apresentamos duas rubricas – *a Verbum Dei pelo Mundo* (neste caso, um texto sobre uma comunidade nos Estados Unidos) e *A caminho das JMJ 2023*; pensamos manter ambas em continuidade nas próximas edições.

E juntamos-lhe a homilia que o Cardeal Tolentino Mendonça proferiu em Fátima, em maio passado, convidando-nos a ousar e a sonhar – como é próprio das férias!

Numa outra secção fazemos algumas sugestões de leitura, cinema e música que poderão ajudar a “condimentar” com arte as nossas férias.

Bom Verão 2021!

A missão da Verbum Dei nos Estados Unidos

Querida Família missionária Verbum Dei de Lisboa

Sou a Rocío Mariscal.

É uma alegria compartilhar convosco a nossa missão Verbum Dei nos Estados Unidos!

Atualmente estamos dois ramos da Fraternidade: Missionárias e casais.

Vivemos 21 missionárias, cinco casais, três leigas missionárias consagradas e a Família Verbum Dei.

Nos Estados Unidos estamos em quatro cidades: San Francisco (perto temos a nossa casa de Espiritualidade "Seeds of Life", em Tracy), Sacramento, Chicago e Long Beach, onde fui destinada quando cheguei, vinda do Brasil, no dia 14 de setembro de 2018.

A nossa missão evangelizadora é vivida em diferentes plataformas.

Na cidade de San Francisco temos a nossa casa-mãe. A Família Missionária Verbum Dei cresce através da Escola de Apóstolos, Escolas da Palavra nas diferentes cidades perto de San Francisco, como fraternidades, retiros e atividades; algumas delas realizam-se no centro de Espiritualidade, em conjunto as missionárias com os casais missionários.

A comunidade de Daly City trabalha na capelania da Pastoral Universitária, onde acompanham e formam muitos jovens. Uma missionária estuda: está a fazer um Mestrado.

A partir de Tracy, uma missionária é a Vigária das Religiosas na cidade de San Jose. As três leigas consagradas encontram-se no seu triénio de formação. Na comunidade temos um espaço para a oração, podcast, retiros on-line e Pastoral vocacional.

As missionárias em Sacramento estão dedicadas a acompanhar a Família Missionária Verbum Dei através de retiros, grupos, revisões de vida e formação. Uma das Missionárias trabalha no tribunal Eclesiástico e é delegada da Vigaria das religiosas.

O Bispo da Diocese de Chicago entregou à Verbum Dei uma missão: cada missionária está encarregue de dez paróquias para dinamizar a evangelização.

E em Long Beach trabalhamos na Educação Religiosa na paróquia de Saint Anthony, com a catequese; temos crianças na preparação para a Primeira Comunhão, jovens para a Confirmação e adultos na iniciação cristã. Também o pároco de Saint Charles Borromeo pediu uma missionária para formar para a evangelização os responsáveis dos diferentes grupos. Desde 2019 a Arquidiocese de Los Angeles pediu a uma missionária que fosse a directora de toda a Educação Religiosa. Também temos a Escola da Palavra de adultos com quem semanalmente oramos, uma fraternidade na cidade de Pico Rivera e um grupo de namorados.

É grande a nossa missão! Constatamos que faltam mãos que estejam dedicadas a evangelizar. Num contexto onde há vários tipos de migração, pessoas que trabalham muito e racismo, queremos viver impulsadas pelo mandato de Jesus, que nos disse "Ide pelo mundo inteiro e anunciai a Boa Nova a toda criatura!" (Mc 16,15).

Entretanto, a minha mãe ficou doente com cancro quatro meses depois de eu ter chegado aos Estados Unidos. Tenho estado perto, acompanhando-a em Rialto, California, indo e vindo de Long Beach a casa. Desde o início da pandemia de COVID fiquei mais tempo ainda com ela. Estar em casa, acompanhá-la nas suas necessidades, ter tempos de oração... Os cuidados, a alimentação, as visitas aos médicos... O Pai, Jesus, o Espírito Santo e Maria têm estado muito presentes! Capto a graça de Deus em tudo. Experimento a Sua providência, levando-me pelos Seus caminhos, e eu estando disponível.

A partir de casa, tenho a oportunidade de continuar a missão que Jesus nos confia em Long Beach. O Zoom favoreceu bastante a continuidade dos diferentes grupos, retiros, acompanhamentos

espirituais, etc. Vejo como o Espírito Santo nos tem aberto portas e formas criativas de continuar a acompanhar as pessoas que Ele mesmo nos confia.

Temos uma preciosa riqueza: o carisma.

Lembro-me muito e muitas vezes de vocês, querida Família Verbum Dei de Lisboa!

Continuamos muito unidos na missão que Jesus nos confia.

Vos envio um abraço fraterno.

Rocío Mariscal



Jornada Mundial da Juventude – Lisboa 2023

O que é a Jornada Mundial da Juventude?

A Jornada Mundial da Juventude (JMJ) é um encontro dos jovens de todo o mundo com o Papa. É, simultaneamente, uma peregrinação, uma festa da juventude, uma expressão da Igreja universal e um momento forte de evangelização do mundo juvenil. Apresenta-se como um convite a uma geração determinada em construir um mundo mais justo e solidário. Com uma identidade claramente católica, é aberta a todos, quer estejam mais próximos ou mais distantes da Igreja.

Acontece todos os anos a nível diocesano, até agora por altura do Domingo de Ramos e a partir de 2021 no Domingo de Cristo Rei. A cada dois, três ou quatro anos ocorre como um encontro internacional, numa cidade escolhida pelo Papa, sempre com a sua presença. Reúne milhares de jovens para celebrar a fé e a pertença à Igreja.

Desde a primeira edição, que se realizou na cidade de Roma em 1986, a Jornada Mundial da Juventude tem-se evidenciado como um laboratório de fé, um lugar de nascimento de vocações ao matrimónio e à vida Consagrada e um instrumento de evangelização e transformação da Igreja.

Visa proporcionar a todos os participantes uma experiência de Igreja universal, fomentando o encontro pessoal com Jesus Cristo. É um novo impulso à fé, à esperança e à caridade de toda a comunidade do país de acolhimento. Tendo os jovens como protagonistas, a Jornada Mundial da Juventude procura também promover a paz, a união e a fraternidade entre os povos e as nações de todo o mundo.

Os símbolos da JMJ

A Jornada Mundial da Juventude conta com dois símbolos que a acompanham e representam: a Cruz peregrina e o ícone de Nossa

Senhora *Salus Populi Romani*. Nos meses que antecedem cada JMJ, os símbolos partem em peregrinação para serem anunciadores do Evangelho e acompanharem os jovens, de forma especial, nas realidades em que vivem.

A recepção e o acolhimento dos símbolos têm dado muitos frutos um pouco por todo o mundo. (...)

A Cruz peregrina

Com 3,8 metros de altura, a Cruz peregrina, construída a propósito do Ano Santo, em 1983, foi confiada por João Paulo II aos jovens no Domingo de Ramos do ano seguinte, para que fosse levada por todo o mundo. Desde aí, a Cruz peregrina, feita em madeira, iniciou uma peregrinação que já a levou aos cinco continentes e a quase 90 países.

Tem sido encarada como um verdadeiro sinal de fé.

Foi transportada a pé, de barco e até por meios pouco comuns como trenós, guas ou tratores. Passou pela selva, visitou igrejas, centros de detenção juvenis, prisões, escolas, universidades, hospitais, monumentos e centros comerciais. No percurso enfrentou muitos obstáculos: desde greves aéreas a dificuldades de transporte, como a impossibilidade de viajar por não caber em nenhum dos aviões disponíveis.

Tem-se afirmado como um sinal de esperança em locais particularmente sensíveis. Em 1985, esteve em Praga, na atual República Checa, na altura em que a Europa estava dividida pela cortina de ferro, e foi aí sinal de comunhão com o Papa. Pouco depois do 11 de setembro de 2001, viajou até ao Ground Zero, em Nova Iorque, onde ocorreram os ataques terroristas que vitimaram quase 3000 pessoas. Passou também pelo Ruanda, em 2006, depois de o país ter sido assolado pela guerra civil.

O ícone de Nossa Senhora “*Salus Populi Romani*”

Desde 2000 que a cruz peregrina conta com a companhia do ícone de Nossa Senhora *Salus Populi Romani*, que retrata a Virgem Maria

com o Menino nos braços. Este ícone foi introduzido ainda pelo Papa João Paulo II como símbolo da presença de Maria junto dos jovens. Com 1,20 m de altura e 0,80m de largura, o ícone de Nossa Senhora *Salus Populi Romani* está associado a uma das mais populares devoções marianas em Itália. É antiga a tradição de o levar em procissão pelas ruas de Roma, para afastar perigos e desgraças ou pôr fim a pestes. O ícone original encontra-se na Basílica de Santa Maria Maior, em Roma, e é visitado pelo Papa Francisco que ali reza e deixa um ramo de flores, antes e depois de cada viagem apostólica.

A JMJ Lisboa 2023

O tema

“*Maria levantou-se e partiu apressadamente*” (Lc 1, 39) é a citação bíblica escolhida pelo Papa Francisco como lema da XXVIII Jornada Mundial da Juventude que acontecerá, pela primeira vez, em Lisboa. A frase bíblica dá início ao relato da Visitação (a visita de Maria a sua prima Isabel), um episódio bíblico que se segue à Anunciação, que foi o tema da última JMJ, no Panamá.

Na conversa que tem com Maria, na Anunciação, o anjo diz-lhe também que a sua prima, de idade avançada e considerada estéril, estava grávida. É então que Maria, depois de afirmar ao anjo “*Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra*” (Lc 1, 38), se põe a caminho de Ain Karim, uma povoação perto de Jerusalém, onde vivia Isabel que esperava o nascimento de João, que viria a ser São João Baptista.

Maria é a grande figura do caminho cristão, que nos ensina a dizer sim a Deus. Ela já foi protagonista da última edição da JMJ e sê-lo-á também em Lisboa.

No episódio bíblico da Visitação, a ação de levantar-se apresenta Maria, simultaneamente, como mulher de caridade e mulher missionária. Partir apressadamente é a atitude com a qual se sintetizam as indicações do Papa Francisco para a JMJ Lisboa 2023 (...).

O logo

O logótipo da Jornada Mundial da Juventude Lisboa 2023, inspirado no tema «*Maria levantou-se e partiu apressadamente*» (Lc 1, 39), tem a cruz como elemento central. Esta é atravessada por um caminho onde surge o Espírito Santo.

Trata-se de um convite aos jovens para que não se acomodem e sejam protagonistas da construção de um mundo mais justo e fraterno - explica a autora, a jovem designer portuguesa Beatriz Roque Antunes.

As cores (verde, vermelho e amarelo) evocam a bandeira portuguesa.



Cruz

A Cruz de Cristo, sinal do amor infinito de Deus pela humanidade, é o elemento central, de onde tudo nasce.

Caminho

Tal como indica o relato da Visitação que dá tema à JMJ Lisboa 2023, Maria parte, pondo-se a caminho para viver a vontade de Deus, e dispendo-se a servir Isabel. Este movimento sublinha o convite feito aos jovens para renovarem «*o vigor interior, os sonhos, o entusiasmo, a esperança e a generosidade*» (Christus

Vivit, 20). A acompanhar o caminho surge, ainda, uma forma dinâmica que evoca o Espírito Santo.

Terço

A opção pelo terço celebra a espiritualidade do povo português na sua devoção a Nossa Senhora de Fátima. Este é colocado no caminho para invocar a experiência de peregrinação que é tão marcante em Portugal.

Maria

Maria foi desenhada jovem para representar a sua figura tal como é retratada no Evangelho de Lucas (Lc 1, 39) e potenciar maior identificação com os jovens. O desenho exprime a juvenilidade própria da sua idade, característica de quem ainda não foi mãe, mas carrega em si a luz do mundo. Esta figura aparece levemente inclinada, para mostrar a atitude decidida da Virgem Maria.

Homilia Cardeal Tolentino Mendonça 13 de maio de 2021 “Ousem sonhar um mundo melhor”

O Evangelho de hoje é, como ouvimos, muito breve: três versículos apenas (João 19, 25-27). Três versículos que nos são narrados com uma visualidade intensa, quase cinematográfica. Começa com um plano de conjunto, apresentando-nos as personagens que estão junto à cruz. Continua com um plano médio, isto é mais focado, mostrando-nos o olhar de Jesus que identifica entre essas personagens a Sua Mãe e o discípulo amado.

E passa para um plano mais focalizado ainda, o chamado grande plano ou plano de proximidade, onde Jesus diz à Mãe, «*Mulher, eis aí o teu filho*», e ao discípulo, «*Eis aí a tua Mãe*». No fundo, o que o evangelista propõe é que passemos do geral para o particular, que nos foquemos em Jesus, que nos aproximemos tanto da cruz que possamos escutar o que está a ser dito pelo crucificado.

Propor um novo começo

E o que é que está a ser dito pelo crucificado? Por Jesus, naquele momento, está a ser instituída uma aliança indestrutível de amor: aquela que passará a ligar filialmente aquele discípulo (e nele, todos os outros discípulos; e os discípulos de todos os tempos) à pessoa de Maria. Jesus transforma, assim, a experiência da crise mais extrema numa ocasião para relançar a vida, para restaurar a sua frágil arquitetura, para propor um novo começo.

Jesus não se conforma ao fatalismo. Pelo contrário, na hora suprema de crise, Ele continua a empurrar a história para a frente, continua a ativar futuros, a inscrever o futuro de Deus no atribulado presente histórico dos homens, a devolver esperança a quantos se sentem cansados e oprimidos, a tomar sobre Si – com que compaixão! – todas as feridas, a buscar e reintegrar o que estava declarado como perdido.

Olhando para a cruz poderíamos pensar que Jesus estava brutalmente confinado. E estava. Mas o verdadeiro desconfinamento é aquele que o amor opera em nós. O amor é o mais verdadeiro, o mais profético, o mais necessário desconfinamento. Por isso, despojado de tudo Jesus não cessa de nos enriquecer com o dom de Si mesmo. Com os braços amarrados às traves da cruz, Ele não deixa de se tornar próximo e de nos abraçar. Emudecido pelo sofrimento, Ele continua, porém, a relançar a esperança. Jesus transforma – e ensina a transformar – as crises em laboratórios de esperança. Com razão, somos chamados a louvar o Senhor que levanta os fracos!

Um relançamento espiritual

Numa hora de encruzilhada da História como esta que vivemos não podemos fazer coincidir o relançamento da esperança unicamente com o cuidado pela expressão material da vida. Sem dúvida que é urgente garantir

o pão e esse trabalho exigente – fundamentalmente de reconstrução económica - deve unir e mobilizar as nossas sociedades. Mas as nossas sociedades precisam também de um relançamento espiritual. Sem o pão

não vivemos, mas não vivemos só de pão. Os maiores momentos de crise foram superados infundindo uma alma nova, propondo caminhos de transformação interior e de reconstrução espiritual da nossa vida comum.

É essa a mensagem de Fátima, naquele longínquo 1917, com o mundo mergulhado na primeira guerra química da história e uma das que maior mortandade infligiu. O que é que a Virgem pediu à humanidade, através dos pastorinhos? Oração, penitência e conversão, isto é: meios concretos de reconstrução interior. (...)

Por sua vez, a experiência da pandemia e a crise poliédrica e global que ela instaurou representam igualmente para a contemporaneidade um imenso desafio a renascer. A consciência das cinzas deve responsabilizar-nos ainda mais na procura do fogo.

Pois não basta voltarmos exatamente ao que éramos antes: é preciso que nos tornemos melhores. É preciso um suplemento de alma. É preciso que desconfinemos o nosso coração. (...)

Arriscar novos sonhos

Provavelmente, ouvindo a página do Livro do Apocalipse que foi proclamada, dissemos para nós próprios: «isto é um sonho». «Um novo céu e uma nova terra», Deus que habita no meio de nós e enxuga «todas as lágrimas», não existir «mais morte, nem luto, nem pranto, nem dor». Só pode ser um sonho. Mas não tenhamos medo de ter sonhos, e sonhos grandes, porque como recorda o autor do Apocalipse, Deus potencia e confirma os nossos sonhos. «O que estava sentado no trono disse: “Eu renovo todas as coisas”».

O mundo fatigado por esta travessia pandémica que ainda dura, e que pede a cada um de nós vigilância e responsabilidade, não tem apenas fome e sede de normalidade: precisa de novas visões, de outras gramáticas, precisa que arrisquemos ter sonhos.

Em especial aos jovens, e aos jovens portugueses que se preparam para acolher em 2023 as Jornadas Mundiais da Juventude, eu quero dizer a partir de Fátima: em vez de ter medo, tenham sonhos. Descubram que Deus é aliado dos vossos sonhos mais belos.

Ousem sonhar um mundo melhor. Sintam que o futuro depende da qualidade e da consistência dos vossos sonhos.



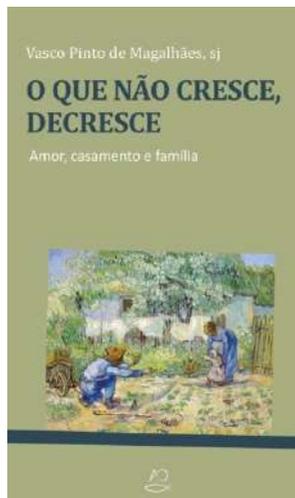
Recomendações para as férias Leituras, música, filme

Livro

O QUE NÃO CRESCE, DECRESCER

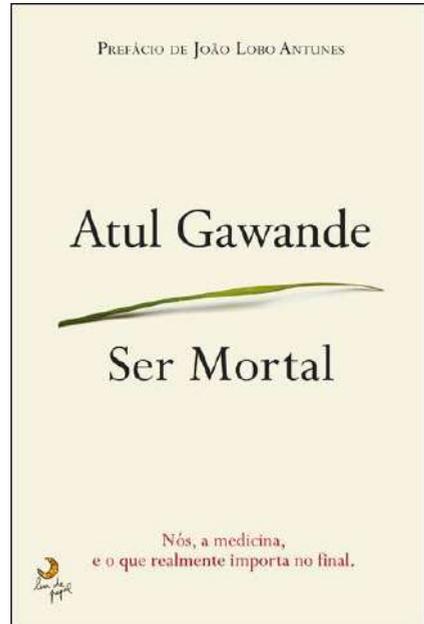
Vasco Pinto de Magalhães, sj

Este livro não é um tratado sobre o casamento e em particular sobre o casamento católico, embora seja esse o foco principal. Trata-se, sim, de ajudar os noivos a pensar, a projectar o seu futuro com bases mais esclarecidas e suficientes respostas para abordar os desafios atuais ao amor humano e à família. É uma ajuda para os mais novos, namorados e noivos, poderem optar, com consciência, fé, alegria e realismo, por um amor feliz, fiel e com futuro.



Livro**SER MORTAL****Atul Gawande**

Como é que enfrentamos o envelhecimento das pessoas que amamos? Apesar de trabalhar há anos como cirurgião, Atul Gawande só se apercebeu até que ponto estava mal preparado para lidar com a morte quando foi confrontado com a decadência do pai. Estaria o pai disposto a viver até onde fosse medicamente possível? Ou só enquanto tivesse qualidade de vida? E em casa ou num lar? O que era realmente importante? As respostas, não lhe eram dadas por uma ciência cada vez mais desumanizada. A medicina, com todos os extraordinários progressos tecnológicos, tem vindo a centrar-se cada vez mais em (apenas) manter os pacientes vivos. (...) O resto pouco importa. Na pior das hipóteses o paciente volta ao bloco operatório para nova intervenção. Esquecida fica assim a vida nos intervalos das consultas e cirurgias. No entanto, conforme defende Gawande, devemos encarar a medicina como uma forma de prolongar a qualidade de vida. Existem geriatras, lares, hospitais, unidades de cuidados paliativos que oferecem aos pacientes dignidade, auto-estima, autonomia. Provam que o fim pode ser (re)escrito de outra maneira – muito mais feliz. Leitura obrigatória para quem envelhece ou testemunha a velhice, Ser Mortal é o melhor e mais pessoal livro de Atul Gawande. Filosófico por vezes, comovente quase sempre, é a corajosa narrativa de um médico que conhece os limites da ciência, mas também o modo como ela nos pode servir melhor.

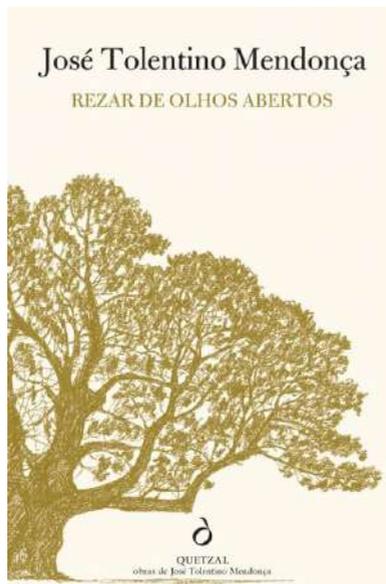


Livro**REZAR DE OLHOS ABERTOS****José Tolentino Mendonça**

Há pessoas que rezam baixando os olhos, escondendo nas mãos o rosto, voltando-se para dentro. Há outras, porém, que abrem esforçadamente os olhos ao rezar, numa tentativa de observar a vida no seu espanto. Quer umas, quer outras - estão certas.

Todas as formas de rezar são insuficientes, mas todas são eficazes. A arte de rezar é a arte de ser, apenas isso, porque o que conta verdadeiramente não depende das palavras.

Esta obra foi pensada não como um livro sobre a oração, mas como um caderno de práticas da oração, reunindo um conjunto de textos que José Tolentino Mendonça foi escrevendo ao longo do tempo, muitos deles no contexto da atividade pastoral, para serem utilizadas por comunidades ou, simplesmente, para serem lidas e escutadas em silêncio. De olhos abertos, enfrentando a solidão e a tempestade. (Nov. 2020)



Livro**POSITIVAMENTE****Catarina Rivero e Helena Águeda Marujo**

Será que sou capaz de me sentir feliz aqui e agora? Sentir-me realizada com o meu dia-a-dia? Satisfeita com a minha vida? Ser mais positivo na minha relação com os outros? Treinar-me para viver num maior equilíbrio emocional? Deixar de lado o pessimismo habitual e aumentar a confiança de que serei capaz de resolver os problemas da minha vida?

Catarina Rivero e Helena Águeda Marujo garantem-nos que sim.

É possível. E, por incrível, que pareça, para conseguir viver Positiva-mente basta dar pequenos passos para alcançar grandes mudanças.

Na realidade, o que nos faz aumentar as nossas emoções positivas, como a alegria, o contentamento, o amor, ou o que nos pode ajudara descobrir mais sentido para o que somos e fazemos, são mudanças e ações aparentemente simples, básicas, leves, sem complicações

- Passar a listar diariamente as coisas boas que acontecem ao longo do dia;

-Substituir a linguagem crítica por uma linguagem positiva;

-Alimentar a ternura e a admiração pelo seu companheiro e escutá-lo “apreciativamente”;

-Colocar mais riso na sua vida;

-Dedicar tempo aos amigos e às relações importantes da vida;

-Sonhar, planear e concretizar o que considera ser um “dia ideal”. 71



CD

GANDHI**Rão Kiao**

Humanista, ambientalista, homem da espiritualidade, olhando para o local, mas também para o global. Se existe altura em que necessitamos desses valores é hoje. O líder indiano Mahatma Gandhi (1869-1948) era isso.

“Estava à frente do tempo.

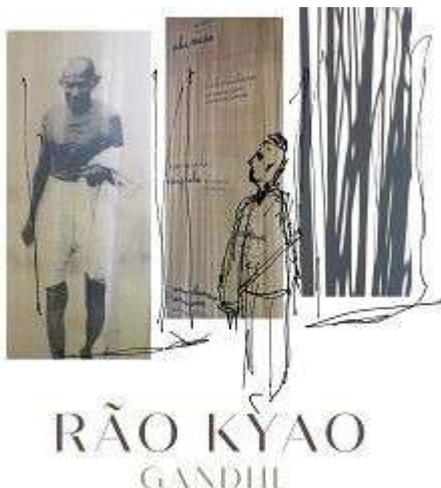
Continua um futurista. A sua

filosofia é aquilo que precisamos para este tempo” - diz Rão Kyo.

A música do compositor e flautista português também tem sido isso. Música que respira tanto universalidade como portugalidade, convite para mergulharmos em nós próprios para estarmos mais atentos aos outros e ao que nos circunda.

É desta síntese que nasce esta homenagem à figura e ao pensamento de Gandhi, nascida por altura das celebrações dos 150 anos do seu nascimento. Música instrumental capaz de nos fazer viajar até à Índia, sem que em nenhum momento saíamos das texturas e ritmos de Portugal, numa viagem que é, afinal, ao nosso interior.

Eis-nos então perante a obra de alguém que partiu do jazz e daí se atirou ao mundo, do Oriente a África, da Europa às Américas, munido de flautas de bambu. Um embaixador da alma portuguesa.



Filme

DOS HOMENS E DOS DEUSES

Xavier Beauvois (realizador)

Um mosteiro localizado no meio das montanhas da Argélia, na década de noventa. Oito monges católicos franceses vivem em harmonia com a população muçulmana, até que, progressivamente, a violência e o terror tomam conta da região.

Apesar das ameaças, os religiosos decidem resistir ao terrorismo e ficar, conscientes do preço dessa escolha.

Esta é a história verídica dos monges de Tibhirine, raptados e assassinados por um grupo de fundamentalistas islâmicos durante a guerra civil argelina, em 1996.

Filme vencedor do Prémio Especial do Júri em Cannes 2010 e seleccionado para representar a França nos Óscares de 2011.

Um filme onde o silêncio e a oração são também protagonistas.



Família Missionária Verbum Dei

Uma Família

A Família Missionária Verbum Dei (FaMVD), como o seu próprio nome indica, é primeiramente uma "Família" profundamente missionária e ao serviço da Palavra de Deus, formada por homens e mulheres de todas as culturas, línguas, nações e estados de vida. Os membros desta Família, movidos pela mesma missão e espiritualidade Verbum Dei, procuram seguir Cristo e transmitir a vida e o amor de Deus a todos os povos.

Três Ramos

No coração da Família Verbum Dei está a Fraternidade Missionária Verbum Dei (FMVD), uma Instituição de Vida Consagrada da Igreja Católica formada por pessoas que consagram a sua vida a Deus. Dela fazem parte:

_Dois Ramos celibatários (que professam os votos de pobreza, castidade e obediência) - Missionárias e Missionários consagrados.

_Casais Missionários - que se consagram a Deus através do sacramento do Matrimónio e de um compromisso solene que os vincula.

Fundada a 17 de Janeiro de 1963, em Maiorca (Espanha), pelo Rvdo. D. Jaime Bonet, a FMVD tem como Missão o anúncio da Palavra de Deus e a propagação do Seu Reino através:

- _da oração;
- _do ministério da Palavra;
- _do testemunho de vida evangélica.

Consulte as atividades da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa em lisboa.verbumdei.org/calendario





verbum dei
lisboa

Centro de Evangelização Vale de Lobos
Rua Professora Rosa Génio Alves, nº 7
2715-395 Almargem do Bispo – Sabugo
Tel. 21 962 42 84

CASA DA PALAVRA
Largo João Vaz, nº 15
1700-251 Lisboa – Alvalade
Tel. 21 596 36 80

FRATERNIDADE MISSIONÁRIA VERBUM DEI LISBOA
Tel. Lisboa - 21 795 09 57
contacto@verbumdei.org